







ENTREVISTA COM O PROFESSOR HENRY GIROUX: ESPERANÇA EM MEIO À CRISE DO NEOLIBERALISMO E À ASCENSÃO DO NEOFASCISMO - PERSPECTIVAS CONTRA- HEGEMÔNICAS PARA A EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA

Henry Giroux¹  

Luiz Gustavo Tirol²  

Adriana Regina de Jesus Santos³  

Resumo

A entrevista com o Professor Henry Giroux explora sua trajetória intelectual no campo da pedagogia crítica, destacando sua defesa da educação democrática como ferramenta de transformação social. Reconhecido por analisar os impactos do neoliberalismo e da ascensão do neofascismo, Giroux propõe uma pedagogia da resistência fundamentada em epistemologias críticas e no papel dos professores como agentes de transformação social. A conversa aprofunda estratégias para enfrentar o autoritarismo, combater as desigualdades e reconstruir projetos democráticos por meio da educação. Nesse contexto de retrocessos globais, surge a seguinte questão: como podemos continuar cultivando a esperança como um ato político e pedagógico de resistência e reinvenção da democracia?

Palavras-chave: Pedagogia crítica; Henry Giroux; Neoliberalismo; Neofascismo; Direitos humanos.

Como citar

GIROUX, Henry; TIROLI, Luiz Gustavo; SANTOS, Adriana Regina de Jesus. Entrevista com professor Henry Giroux: esperança em meio à crise do neoliberalismo e à ascensão do neofascismo – perspectivas contra-hegemônicas para a educação democrática. *Educação em Análise*, Londrina, v. 10, p. 1-16, 2025. DOI: 10.5433/1984-7939.2025.v10.53291.



¹ Doutor Honoris Causa pela Memorial University (Canadá), Chapman University (Califórnia), University of the West of Scotland, Centro de Estudos Latino-Americanos em Educação Inclusiva (CELEI) e Universidade Complutense de Madri. Professor do Departamento de Estudos Culturais da Faculdade de Humanidades da McMaster University. Hamilton, Ontário, Canadá. Endereço eletrônico: girouxh@mcmaster.ca.

² Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Bacharel em Direito pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Londrina, Paraná, Brasil. Endereço eletrônico: tirol@uel.br.

³ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Londrina, Paraná, Brasil. Endereço eletrônico: adrianar@uel.br.

**INTERVIEW WITH PROFESSOR HENRY GIROUX:
HOPE AMID THE CRISIS OF NEOLIBERALISM AND THE RISE OF NEOFASCISM -
COUNTER-HEGEMONIC PERSPECTIVES FOR DEMOCRATIC EDUCATION**

Abstract: The interview with Professor Henry Giroux explores his intellectual journey in the field of critical pedagogy, highlighting his advocacy for democratic education as a tool for social transformation. Renowned for analyzing the impacts of neoliberalism and the rise of neofascism, Giroux proposes a pedagogy of resistance grounded in critical epistemologies and in the role of teachers as agents of change. The conversation delves into strategies to confront authoritarianism, combat inequality, and rebuild democratic projects through education. In this context of global setbacks, the following question arises: how can we continue to cultivate hope as a political and pedagogical act of resistance and the reinvention of democracy?

Keywords: Critical pedagogy; Henry Giroux; Neoliberalism; Neofascism; Human rights.

**ENTREVISTA CON EL PROFESOR HENRY GIROUX:
ESPERANZA EN MEDIO DE LA CRISIS DEL NEOLIBERALISMO Y EL ASCENSO DEL
NEOFASCISMO - PERSPECTIVAS CONTRAHEGEMÓNICAS PARA LA EDUCACIÓN
DEMOCRÁTICA**

Resumén: La entrevista con el Profesor Henry Giroux explora su trayectoria intelectual en el campo de la pedagogía crítica, destacando su defensa de la educación democrática como una herramienta de transformación social. Reconocido por analizar los impactos del neoliberalismo y el auge del neofascismo, Giroux propone una pedagogía de la resistencia basada en epistemologías críticas y en el papel de los docentes como agentes de cambio. La conversación profundiza en estrategias para enfrentar el autoritarismo, combatir la desigualdad y reconstruir proyectos democráticos a través de la educación. En este contexto de retrocesos globales, surge la siguiente pregunta: ¿cómo podemos seguir cultivando la esperanza como un acto político y pedagógico de resistencia y reinención de la democracia?

Palavras clave: Pedagogía crítica; Henry Giroux; Neoliberalismo; Neofascismo; Derechos humanos.

Introdução

Esta entrevista com o professor Henry Giroux, um dos principais teóricos da pedagogia crítica contemporânea e intelectual público profundamente comprometido com a justiça social, baseia-se em sua extensa trajetória acadêmica e ativista, que dialoga com questões centrais da educação, política e cultura no mundo contemporâneo. Reconhecido internacionalmente por obras fundamentais como *Teachers as Intellectuals*, *Pedagogy of Resistance*, *American Nightmare* e *The University in Chains*, Giroux dedica sua produção intelectual a uma análise crítica dos impactos do neoliberalismo, da mercantilização da educação e da ascensão das forças neofascistas na política global.

Seu trabalho se caracteriza pela defesa intransigente de uma educação democrática e emancipatória, profundamente conectada à transformação social, enfatizando o papel dos professores como agentes essenciais na formação de sujeitos críticos comprometidos com a justiça social. Por meio da articulação de epistemologias críticas, pedagogia da resistência e teoria cultural, Giroux problematiza desafios contemporâneos, tais como o crescimento do autoritarismo, a erosão dos direitos civis e a intensificação das desigualdades.

Esta entrevista propõe um diálogo aprofundado sobre o tema “Esperança em meio à crise do neoliberalismo e à ascensão do neofascismo: perspectivas contra-hegemônicas para a educação democrática”, com o objetivo de compreender as estratégias políticas, pedagógicas e epistemológicas que podem sustentar a resistência e a construção de alternativas emancipatórias em tempos de crise global. A partir das reflexões do professor Giroux, exploraremos possíveis caminhos para uma educação que não apenas resista às ameaças autoritárias, mas que também promova a esperança crítica e a reconstrução de projetos democráticos em âmbito mundial.

Em um contexto de profundas incertezas e retrocessos, como podemos continuar a cultivar a esperança enquanto ato político e pedagógico de resistência e reinvenção da democracia?

Fundamentos epistemológicos e influências na obra de Henry Giroux

Entrevistadores: Professor Giroux, seu trabalho se caracteriza por uma postura política profundamente comprometida com a justiça social, pela defesa de uma epistemologia crítica e

por uma pedagogia orientada para a emancipação e resistência. Poderia nos contar quais são os principais autores e tradições teóricas que fundamentam sua reflexão acadêmica, científica e cultural? Além disso, quais pensadores contemporâneos e correntes intelectuais o senhor considera que dialogam ou se opõem à sua obra, especialmente no contexto atual das crises sociais, políticas e educacionais globais?

Professor Giroux: Minha reflexão acadêmica e cultural está profundamente enraizada em diversas tradições intelectuais e figuras-chave que moldaram minha crítica à educação, à política e à cultura contemporâneas. Central em meu trabalho está a influência de Paulo Freire, cuja pedagogia da libertação serve como um referencial fundamental para minha compreensão da educação como ferramenta de transformação social. Além de Freire, baseio-me fortemente no conceito de hegemonia cultural de Antonio Gramsci, que informa minha crítica ao neoliberalismo e ao autoritarismo.

O trabalho de Judith Butler sobre descartabilidade, particularmente em relação ao neoliberalismo e à criminalização das populações vulneráveis, é essencial para meu entendimento de como os sistemas educacionais contemporâneos e os regimes políticos marginalizam certos grupos. Suas críticas à guerra de Israel em Gaza e às dinâmicas mais amplas da violência estatal ressoam profundamente com meu compromisso por uma educação que resista a essa desumanização. A abordagem de bell hooks, centrada na educação feminista e socialmente engajada, oferece uma perspectiva crucial sobre uma pedagogia enraizada na justiça, igualdade e cuidado.

A exploração de Zygmunt Bauman sobre capitalismo, identidade e teoria social tem sido indispensável para compreender as formas pelas quais o neoliberalismo molda tanto a subjetividade individual quanto as estruturas sociais mais amplas. A análise de Bauman sobre a liquidez da vida moderna — em que identidades e relacionamentos são fluidos e precários — serve como uma lente crítica para analisar como o neoliberalismo exacerbou a fragmentação social e a instabilidade.

O trabalho pioneiro de Stanley Aronowitz em teoria crítica, educação crítica, ideologia e neoliberalismo é parte fundamental da minha crítica à despolitização e mercantilização da educação, alinhando-se perfeitamente ao meu empenho por uma pedagogia radical que resista às reformas educacionais neoliberais.

As obras de Edward Said e Pierre Bourdieu foram fundamentais para a formação do meu entendimento das intersecções entre cultura, poder e educação. O conceito inovador de orientalismo de Said iluminou como as narrativas construídas pelo Ocidente sobre o Oriente

funcionam como instrumentos de controle e subjugação. Sua visão do intelectual público como uma voz crítica contra essas estruturas de poder influenciou profundamente minha abordagem da educação como um espaço de resistência. Paralelamente, a exploração de Bourdieu sobre capital cultural e a política da reprodução social e cultural ampliou minha compreensão de como a educação funciona como um campo de batalha político fundamental. Seus insights revelaram as formas pelas quais as escolas não apenas reproduzem desigualdades sociais, mas também oferecem um espaço único para a intervenção dos educadores na construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Juntos, Said e Bourdieu me forneceram ferramentas intelectuais para apreender as profundas maneiras pelas quais a educação é tanto um reflexo quanto um desafio ao cenário político.

Nos últimos anos, tenho me inspirado cada vez mais no trabalho de Stuart Hall sobre racismo, identidade, neoliberalismo e o propósito dos estudos culturais. A abordagem de Hall aos estudos culturais — particularmente sua análise das intersecções entre raça, classe e identidade com o neoliberalismo — tem sido crucial para entender como a cultura funciona como ferramenta tanto de resistência quanto de opressão. Seu trabalho sobre a política da identidade e a relação entre produção cultural e poder tem sido especialmente relevante para minha investigação sobre como as instituições educacionais reproduzem ideologias e valores dominantes. O foco de Hall na relação entre formas culturais e estruturas sociais proporcionou um importante arcabouço para analisar a função ideológica da educação em um contexto neoliberal.

Em conjunto com o trabalho de Hall, também me volto para a pesquisa pioneira de Paul Gilroy sobre fascismo, racismo e política cultural. A crítica de Gilroy às intersecções entre raça e fascismo na era moderna, particularmente no que diz respeito ao modo como a política cultural molda as ideologias políticas, tem sido instrumental em minha própria obra.

As contribuições de Gilroy sobre a política da identidade racial e sua exploração das dimensões transnacionais da raça e da cultura aprofundaram minha compreensão de como o autoritarismo, o racismo e a política cultural se entrelaçam na era neoliberal. Seu enfoque na memória cultural, na diáspora e na política da identidade tem informado minha visão de como a educação pode desafiar ou reforçar narrativas culturais dominantes, sobretudo aquelas moldadas por ideologias racistas e fascistas.

Além do trabalho de Gilroy, também me inspiro na produção transformadora de Robin D.G. Kelley e Angela Davis, cujas pesquisas abrangem uma ampla gama de questões sociais, incluindo racismo, reforma prisional, lutas trabalhistas e os ataques ao ensino superior. As

contribuições de Kelley, especialmente em sua análise da tradição radical negra e sua crítica ao complexo industrial prisional, têm sido valiosas para explorar as intersecções entre raça, classe e violência estatal. Ele oferece um quadro crítico para entender como diferentes sistemas de opressão — como racismo, capitalismo e imperialismo — estão interligados e devem ser analisados em sua totalidade. O trabalho de Kelley nos desafia a ir além das questões isoladas e examinar como várias formas de injustiça social se cruzam, enfatizando a necessidade de solidariedade entre os movimentos para uma verdadeira transformação social.

Angela Davis também oferece insights cruciais sobre como raça, gênero e classe informam tanto a violência estatal quanto os movimentos sociais. Sua defesa histórica da abolição das prisões e sua análise das intersecções entre racismo, capitalismo e sistema de justiça criminal moldaram profundamente as críticas contemporâneas ao poder e repressão estatal.

O trabalho de Davis sobre as lutas trabalhistas e sua crítica aos ataques ao ensino superior ressaltam a necessidade de compreender essas questões de forma holística. Ela argumenta a favor da importância da organização e resistência em múltiplas frentes — entendendo como as lutas por justiça em um campo (por exemplo, justiça racial ou direitos trabalhistas) não podem ser separadas das lutas em outros (por exemplo, justiça educacional, igualdade de gênero e anti-imperialismo). Essa perspectiva integrada e abrangente está alinhada com meu compromisso de conectar diversas lutas sociais de forma a destacar sua interdependência mútua e a necessidade de ação coletiva.

Finalmente, a Escola de Frankfurt, em especial o trabalho de Theodor Adorno e Max Horkheimer, foi fundamental para minha obra, mesmo antes de meu contato com Paulo Freire. Ela tem sido crucial para compreender o papel cultural e ideológico da educação no capitalismo avançado.

O conceito de indústria cultural, por eles desenvolvido, foi indispensável para analisar como a cultura hoje funciona como mecanismo de controle social e reprodução ideológica, naturalizando valores neoliberais e ideologias autoritárias. Suas atualizações da teoria marxista, seus comentários sobre autoritarismo, ideologia e racionalidade tecnocrática foram essenciais para me fornecer uma base teórica para abordar a política da educação, cultura, fronteiras e fascismo.

O legado de Paulo Freire e as epistemologias da libertação

Entrevistadores: Como *Paulo Freire Distinguished Scholar*, título que reconhece suas contribuições à pedagogia crítica, o senhor tem enfatizado em diversas publicações o papel central das epistemologias da libertação e da pedagogia crítica no enfrentamento das múltiplas formas de opressão. Com base em seu diálogo com Paulo Freire, especialmente por meio de sua obra seminal *Pedagogia do Oprimido*, como o senhor avalia a relevância das categorias freirianas para abordar os desafios contemporâneos, tais como o autoritarismo, a cultura do medo e as políticas educacionais neoliberais?

Professor Giroux: A obra de Paulo Freire permanece no cerne do meu pensamento pedagógico. Seu compromisso com a educação como prática da liberdade e práxis revolucionária, especialmente conforme delineado em *Pedagogia do Oprimido*, continua ressoando nas lutas contemporâneas contra o autoritarismo, o neoliberalismo e a cultura do medo. No contexto atual, as noções freirianas de diálogo, consciência crítica e libertação não são apenas relevantes, mas essenciais. Elas desafiam as opressões incorporadas às práticas educacionais vigentes, particularmente em um mundo cada vez mais governado por políticas neoliberais que tratam a educação como uma mercadoria de mercado e reduzem os indivíduos a consumidores passivos. No campo educacional, essas forças promovem testes padronizados, métricas desumanizantes de desempenho e a mercantilização do conhecimento — modelos que se mostram antitéticos à pedagogia freiriana, a qual exige que a educação seja uma prática de investigação crítica e justiça social.

Fui profundamente influenciado pela insistência de Freire de que a educação não é um método nem é neutra. Tampouco é apenas uma ferramenta para elevar a consciência crítica dos oprimidos, mas que é, em sua essência, um projeto político e pedagógico transformador. É por meio da educação que os oprimidos passam a reconhecer sua própria agência, tanto individual quanto coletivamente, capacitando-se a tornar-se agentes ativos de sua própria libertação e empoderamento.

Ao fundamentar a educação numa pedagogia da libertação, seu trabalho me possibilitou desenvolver a noção de que os estudantes precisam ser dotados de conhecimentos e habilidades educacionais para criticar e resistir às políticas autoritárias e aos sistemas opressivos. Também devemos destacar a ênfase de Freire na importância da relação dialógica entre educadores e

educandos. Esse modelo contrapõe-se diretamente às tendências autoritárias que buscam impor um controle vertical sobre o conteúdo e a política educacional. Sempre fui impactado pela insistência de Freire na importância política e cívica da alfabetização crítica. Esta última fornece a base teórica para conectar questões de consciência crítica, agência e cidadania engajada. Este aspecto é crucial para compreender a obra de Freire como parte de um chamado radical não a métodos, mas a um projeto de reconstrução — uma pedagogia informada por valores democráticos, uma crítica ao capitalismo e um chamado por um futuro em que o socialismo democrático se concretize.

Formação de professores como intelectuais orgânicos

Entrevistadores: Professor Giroux, em seu livro *Teachers as Intellectuals: Toward a Critical Pedagogy of Learning* e em seus escritos mais recentes, o senhor argumenta que a formação de professores deve transcender os modelos tecnicistas e instrumentalistas, defendendo o desenvolvimento de uma intelectualidade crítica docente orientada para a produção de saberes contra-hegemônicos. Considerando os atuais processos de mercantilização da educação, marcados por uma cultura de performatividade e pela despolitização da prática pedagógica, quais rupturas epistemológicas e metodológicas o senhor considera fundamentais para reconfigurar tanto a formação inicial quanto a continuada dos professores, de modo a capacitá-los como agentes de transformação social?

Professor Giroux: O papel dos professores como intelectuais orgânicos está no cerne da minha visão da educação como uma força transformadora para a sociedade. A educação, em suas formas mais insidiosas, tem sido frequentemente utilizada não apenas como uma ferramenta de formação instrumental, mas também como um veículo para o doutrinação ideológica. A formação de professores deve transcender a função restrita de preparar educadores para serem meros técnicos — administradores de salas de aula. Em vez disso, deve cultivar intelectuais públicos críticos, ou o que Gramsci denominou intelectuais orgânicos, educadores capazes de engajar-se e resistir às forças hegemônicas que buscam remodelar a educação segundo os imperativos neoliberais ou, ainda pior, transformar as escolas atuais em espaços de propaganda cristã branca.

No momento histórico atual, enfrentamos um desafio crucial: libertar-nos dos modelos tecnicistas e autoritários de formação docente que passaram a dominar o cenário educacional. Esses modelos fazem mais do que reduzir a educação a uma mera formação profissional; transformam as escolas em mecanismos de controle social. A proibição de livros, a negação da história e a imposição de uma pedagogia da conformidade e submissão são não apenas sintomas de uma agenda neoliberal, mas também a própria base sobre a qual sistemas autoritários podem prosperar.

O papel da educação, antes espaço para o engajamento intelectual e o pensamento crítico, está sendo sistematicamente distorcido para servir aos interesses do poder. Essas tendências pavimentam o caminho para a criação de identidades, sujeitos e valores fascistas, que prosperam numa população incapaz de pensamento independente ou questionamento crítico. E isso ocorre ao eliminar o poder que os educadores possuem sobre suas salas de aula, currículos e trabalho.

Os professores, em resposta, devem retomar seu papel como agentes ativos da pedagogia crítica. Devem ser capacitados a desafiar as forças de opressão que moldam nosso sistema educacional e a promover os ideais de democracia e justiça. Epistemologicamente, isso requer uma ruptura com os modelos opressivos de educação que servem ao mercado e ampliam os quadros pedagógicos da extrema direita. Politicamente, os educadores devem defender pedagogias que cultivem o pensamento crítico, a criatividade e a resistência, especialmente diante das pressões para conformar-se a testes padronizados e métricas neoliberais que sufocam o verdadeiro crescimento intelectual. Os professores devem ser vistos como intelectuais públicos ou orgânicos que envolvem os estudantes não como receptores passivos de conhecimento, mas como participantes ativos na co-criação de significados, identidades, valores e imagens de futuro.

Enquanto intelectuais orgânicos, os educadores devem dialogar com as histórias que os estudantes trazem para a sala de aula, fomentar espaços para a auto-narração e incentivar o questionamento das suposições comumente aceitas. Por meio desse engajamento, os educadores podem lançar as bases para que os estudantes se tornem cidadãos críticos e engajados, indivíduos que não apenas compreendem seu mundo, mas que também estão preparados para desafiá-lo e transformá-lo em nome de uma democracia significativa e justa.

Tanto Paulo Freire quanto Edward Said, cujo trabalho se centrou nas necessidades pedagógicas dos oprimidos, defenderam que os intelectuais orgânicos devem ensinar os estudantes a ler criticamente, a aprender com a história, a se engajar com conhecimentos

anteriormente ocultos a eles e a equipá-los com as habilidades e valores que ampliem tanto a agência individual quanto a coletiva. Para eles, o papel do intelectual orgânico é questionar, falar a um público amplo, ultrapassar certezas fáceis, servir como testemunha moral e atuar em oposição às injustiças perpetuadas pelo capitalismo gangster e pelos sistemas autoritários.

Os professores, enquanto intelectuais orgânicos, devem desempenhar uma função pública, participando ativamente da transformação da sociedade de acordo com os princípios da democracia socialista. Isso exige uma visão — não uma metodologia — como ponto de partida para o que significa enxergar a educação como um projeto democrático radicalizador.

A urgência dessa tarefa se torna ainda mais evidente num momento em que a educação em todos os níveis está sob ataque direto de regimes autoritários, cujos ataques incessantes vêm desmontando a educação como bem público. O que antes era um espaço para investigação crítica, engajamento democrático e o florescimento do potencial humano está sendo reduzido globalmente a um instrumento de controle.

Esses regimes buscam transformar as instituições educacionais em locais de repressão pedagógica — onde o dissenso é silenciado, o pensamento independente é esmagado e a doutrinação ideológica enraíza-se. Nesse clima, a própria essência da educação — o cultivo da consciência crítica e o empoderamento dos indivíduos para desafiar sistemas opressivos — corre o risco de ser apagada, restando apenas uma casca vazia de conformidade e obediência.

Neofascismo pedagógico e a normalização da violência simbólica nas escolas

Entrevistadores: Em seu livro recentemente publicado *Fascism on Trial: Education and the Possibility of Democracy (2024)*, coautoria com Anthony R. DiMaggio, o senhor discute a ascensão de um neofascismo pedagógico caracterizado pelo controle disciplinar intensificado, pela criminalização da juventude e pela supressão das vozes dissidentes nas escolas. Considerando essas discussões, como o senhor avalia o papel das práticas educacionais na desnaturação da violência simbólica e na construção de espaços escolares capazes de resistir à imposição de uma cultura política autoritária e hegemônica?

Professor Giroux: O surgimento do neofascismo pedagógico é um desenvolvimento aterrador, caracterizado pela criminalização da juventude, pela supressão da dissidência e pela normalização da violência nos espaços educacionais. As escolas, hoje, são cada vez mais locais

de disciplina punitiva, em vez de espaços de aprendizagem. A abordagem punitiva ao comportamento juvenil, especialmente entre grupos marginalizados, estudantes protestantes e estudantes internacionais, reflete tendências sociais mais amplas rumo ao controle autoritário. O que devemos fazer é desnaturar essa violência, promovendo ambientes escolares inclusivos, dialógicos e críticos.

Os educadores desempenham um papel central em tornar visível a violência simbólica embutida nas práticas escolares, como o currículo oculto, que transmite valores de obediência, conformidade e passividade. Igualmente importante é abordar e lutar pela educação como um bem público que deve ser defendido contra as forças do instrumentalismo e da homogeneização ideológica. As práticas educacionais devem contrariar essas tendências promovendo o engajamento democrático, a reflexão crítica e a resistência ativa. Uma escola capaz de resistir às culturas políticas autoritárias e hegemônicas é aquela que ensina os estudantes a interrogar o poder, engajar-se em ações coletivas e desafiar as injustiças.

Precisamos repensar não apenas o que ensinamos, mas como ensinamos, assegurando que as escolas se tornem espaços de pedagogia crítica, onde a dissidência não seja punida, mas valorizada como uma forma vital de engajamento com o mundo.

Educação democrática e coragem cívica diante da ascensão global da extrema direita

Entrevista: Professor Giroux, o senhor enfatiza a necessidade de cultivar a coragem cívica entre os educadores como resposta ao avanço das forças autoritárias em escala global. Vivemos um cenário preocupante, marcado pela reeleição de Donald Trump nos Estados Unidos, os impactos duradouros do governo Jair Bolsonaro no Brasil e a consolidação de projetos políticos de extrema direita em diferentes partes do mundo. Diante desse contexto de erosão democrática, crescimento do neofascismo social e intensificação das políticas de silenciamento e perseguição aos professores, quais caminhos o senhor vislumbra para que a educação se torne um espaço de resistência política contra-hegemônica, formação de sujeitos críticos e defesa da democracia e dos direitos humanos?

Professor Giroux: Em um momento em que a ascensão de movimentos de extrema direita e a erosão das instituições democráticas são preocupações prementes, é essencial que a educação funcione como um espaço de resistência. Devemos fomentar a coragem cívica em

educadores e estudantes, criando ambientes onde o engajamento político, o pensamento crítico e o compromisso com a justiça sejam centrais no currículo. O ataque à democracia e aos direitos humanos, tanto nos Estados Unidos quanto globalmente, está ligado a um assalto ideológico mais amplo aos valores de solidariedade, igualdade e justiça.

Nesse contexto, a educação deve oferecer mais do que simples conhecimento acadêmico ou credenciais — deve ser um espaço poderoso, engajador, seguro e corajoso para o tipo de cidadania ativa e engajada que se faz necessária para resistir ao autoritarismo. Os educadores precisam modelar e ensinar as habilidades necessárias para resistir à ascensão do fascismo e outras formas de opressão política, incluindo organização, defesa e solidariedade. Também devemos nos comprometer a ensinar a história das lutas democráticas, garantindo que os estudantes compreendam tanto a fragilidade quanto a resiliência dos ideais democráticos.

Neoliberalismo, exclusão e direitos humanos: perspectivas para a educação na América Latina

Entrevistadores: Professor Giroux, no contexto latino-americano, historicamente marcado por desigualdades sociais e violações sistemáticas de direitos, os efeitos das políticas neoliberais aprofundaram os processos de exclusão, precarização e desmonte das políticas públicas educacionais. Considerando sua análise crítica do neoliberalismo e sua defesa da educação como espaço para a formação cívica, quais são os principais desafios e possibilidades para a consolidação da educação em direitos humanos que resista à lógica de mercado e promova uma cultura democrática e emancipatória nas escolas e universidades da região?

Professor Giroux: A América Latina tem sido, há muito tempo, um campo de batalha na luta por justiça social, e a imposição de políticas neoliberais apenas exacerbou as desigualdades sistêmicas da região. O neoliberalismo, com seu foco em políticas orientadas pelo mercado e na privatização dos serviços públicos, corroeu o acesso à educação para muitos na região, aprofundando a exclusão e a precarização. Nesse contexto, o desafio é resgatar a educação como um espaço para a formação cívica e para os direitos humanos.

A educação em direitos humanos deve resistir à lógica de mercado que busca reduzir a educação a uma mercadoria e, em vez disso, promover uma visão da educação como prática de transformação social. Na América Latina, isso significa desenvolver práticas educacionais que

desafiem os legados históricos do colonialismo e da opressão, da acumulação de capital e do militarismo. Tais práticas devem envolver os estudantes em reflexões críticas sobre poder e desigualdade, capacitando-os a lutar por justiça, igualdade e liberdade.

No cerne da ideologia neoliberal está a noção destrutiva de que todos os problemas são pessoais, obscurecendo a forma como as lutas privadas estão profundamente entrelaçadas com injustiças sistêmicas mais amplas. Isso serve como uma forma de descolonização e despolitização que deve ser combatida se quisermos enfrentar questões sistêmicas como a desigualdade avassaladora e a concentração de riqueza e poder nas mãos de poucos — pilares centrais do neoliberalismo.

A pedagógica mortal do neoliberalismo, com sua adesão implacável aos mercados, a privatização de todos os aspectos da vida, sua celebração irresponsável do individualismo, a promoção de uma competição cruel, a desregulamentação e a erosão do Estado social, deve ser combatida a todo custo. Essa ideologia, que separa a atividade econômica da responsabilidade social, representa uma ameaça ao nosso bem-estar coletivo.

Para desafiar isso, devemos construir redes de solidariedade em toda a América Latina — redes que resistam à agenda neoliberal e trabalhem para criar uma cultura mais inclusiva, democrática e emancipatória em nossas escolas e universidades.

O currículo como campo de luta e espaço de resistência contra-hegemônica

Entrevistas: Professor Giroux, em suas análises críticas do currículo escolar, o senhor destaca que ele não é apenas um conjunto neutro de conteúdos, mas um campo ideológico onde se configuram relações de poder e controle social. Considerando seu conceito de currículo como uma prática cultural e política, como o senhor avalia a importância do desenvolvimento de currículos que promovam uma pedagogia crítica e emancipatória? Quais estratégias os educadores podem adotar para resistir aos currículos hegemônicos que reproduzem desigualdades e para construir práticas curriculares que fortaleçam a formação de sujeitos engajados na transformação social?

Professor Giroux: O currículo nunca é neutro. Ele é um campo de luta ideológica onde se refletem e se reproduzem as relações de poder. Um currículo que não desafia a ordem social dominante é cúmplice na sua manutenção. Em meu trabalho, enfatizo a importância de

desenvolver currículos que promovam uma pedagogia crítica e emancipatória, que encoraje os estudantes a questionar o status quo e a se engajar no trabalho de transformação social. O currículo hegemônico — frequentemente apresentado como objetivo e universal — muitas vezes reforça as desigualdades ao omitir histórias e perspectivas alternativas, especialmente aquelas das comunidades marginalizadas.

Os educadores devem resistir a essas forças hegemônicas criando currículos que destaquem a resistência, a justiça social e as experiências vividas daqueles excluídos das narrativas dominantes. Isso pode ser alcançado por meio da integração da pedagogia crítica, da educação anticolonial e das perspectivas decoloniais no currículo. Os educadores também devem incentivar os estudantes a pensar criticamente sobre as estruturas de poder que moldam seu mundo e equipá-los com ferramentas para desafiar essas estruturas.

O currículo oculto e a construção da pedagogia da resistência

Entrevistadores: Retornando à discussão do currículo como prática cultural e política, conforme o senhor tem enfatizado, o conceito de currículo oculto revela as formas implícitas pelas quais valores, normas e hierarquias sociais são transmitidos nas escolas, reproduzindo desigualdades e exclusões sem serem explicitamente reconhecidos. Considerando essa dimensão invisível do currículo, quais estratégias pedagógicas e políticas o senhor acredita que podem ajudar os educadores a revelar e desafiar o currículo oculto, promovendo uma educação crítica e emancipatória?

Professor Giroux: O currículo oculto é uma força potente e insidiosa que molda os valores, as relações de poder e as hierarquias sociais incorporadas nos sistemas educacionais — muitas vezes sem ser reconhecido ou questionado. Ele opera como uma política de apagamento, normalizando sutilmente as ideologias dominantes e reforçando o status quo ao privilegiar o conhecimento oficial e silenciar perspectivas alternativas. Esse currículo perpetua a desigualdade ao ensinar aos estudantes não apenas o que devem saber, mas também qual é seu lugar na ordem social, moldando sua compreensão de poder, autoridade e valor.

Revelar e desafiar esse currículo oculto é essencial para cultivar uma pedagogia de resistência. Isso exige que os educadores se envolvam criticamente com a forma como a escolarização sustenta hierarquias sociais e normaliza a opressão, criando espaços para que os

estudantes questionem as narrativas dominantes e os valores que as sustentam. Só ao tornar o currículo oculto visível e submetê-lo a uma análise rigorosa poderemos começar a dismantlar sua influência pervasiva no processo educacional e capacitar os estudantes a desafiar as estruturas que definem suas vidas.

A esperança como força motriz da resistência e da educação emancipatória

Entrevistadores: Por fim, Professor Giroux, diante dos múltiplos desafios que hoje confrontam a educação, a democracia e os direitos humanos — incluindo a ascensão de forças autoritárias, o aumento das desigualdades e a crescente mercantilização do conhecimento — qual é a sua perspectiva sobre o papel da esperança crítica como força motriz para a transformação social? Que mensagem o senhor gostaria de compartilhar com educadores, estudantes e ativistas comprometidos com a emancipação humana e a construção de uma sociedade mais justa e democrática?

Professor Giroux: A esperança crítica, tanto individual quanto social, é um elemento essencial tanto da resistência quanto da educação emancipatória. Diante da injustiça sistêmica, das políticas neoliberais e da ascensão do autoritarismo, é fácil sucumbir ao desespero. Porém, uma forma militante e engajada de esperança não é um otimismo passivo; trata-se de uma crença ativa e fundamentada na possibilidade de transformação social, mesmo diante de probabilidades avassaladoras. Essa esperança não se baseia em expectativas ingênuas, mas no reconhecimento de que a mudança é possível por meio da luta coletiva, da pedagogia crítica e da construção de instituições alternativas e democráticas.

É fundamental lembrar que, sem esperança, não há agência, e sem agência, não há esperança. Para educadores, estudantes e ativistas comprometidos com a emancipação humana, minha mensagem é clara: devemos imaginar e lutar por um futuro que não reflita os horrores do presente; devemos continuar a batalhar por um mundo mais justo e democrático, reconhecendo que o trabalho de resistência e transformação social é contínuo e frequentemente difícil. Contudo, é através dessa luta — por meio do ensino de uma pedagogia crítica e emancipatória — que podemos cultivar a esperança necessária para construir um futuro alicerçado na justiça, na igualdade e na dignidade humana.

CRediT

Agradecimentos:	Agradecemos ao Professor Henry Giroux por conceder a entrevista.
Financiamento:	Fundação Araucária (FA) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
Conflitos de Interesses:	Os autores declaram não possuir interesses comerciais ou associativos que representem conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação Ética:	Não se aplica.
Contribuições dos Autores:	GIROUX, H.: conceituação, curadoria de dados e análise formal; TIROLI, L. G.: elaboração das questões, transcrição dos dados, organização das informações e revisão do texto; SANTOS, A. R. de J.: curadoria de dados, análise formal e revisão do texto.

Submetido em: 14 de fevereiro de 2025

Aceito em: 02 de abril de 2025

Publicado em: 25 de junho de 2025

Editor da Seção: Quenizia Vieira Lopes

Membro da Equipe de Produção: Junior Peres de Araújo

Assistente Editorial: Giovanna Martins Capaci Rodrigues